

Direitos Humanos

Durban submerge em desacordos

DURBAN, ÁFRICA DO SUL — O impasse com relação à questão do Oriente Médio e às reparações ao regime escravagista continuou a ser o tema tônica na Conferência Internacional contra o Racismo. Representantes de países mais moderados, como África do Sul e Brasil, tentavam salvar a conferência, que está ameaçada de perder também os 15 países que compõem a União Européia (UE). Os europeus reclamam do mesmo motivo que fez com que americanos e israelenses deixassem o encontro, na segunda-feira: a associação entre sionismo e racismo, como defendida pelos países árabes para constar no texto final do encontro.

Em Paris, o premier da França, Lionel Jospin, ameaçou retirar seu país de Durban — o que provavelmente seria seguido pela UE como um todo. Segundo Jospin, se persistirem “as associações entre sionismo e racismo, será analisada de imediato a retirada da França e também da União Européia”.

Rascunho — Um delegado da Conferência, que não quis se identificar, disse que “os árabes complicam muito as coisas querendo fazer adendos ao texto proposto”. A UE havia aceitado um rascunho apresentado pela África do Sul, mas os árabes resistem à idéia de não condenar Israel no texto. Representados pelo delegado palestino, Suleiman Al-Hersee, desde que o egípcio Amr Mussa deixou Durban, ontem, os árabes rechaçaram o rascunho do texto que segundo eles era “insuficiente” e apenas “lamentava a situação palestina”.

“Não encontramos os europeus muito flexíveis e não temos necessidade de que nos dêem uma lição de moral”, disse o delegado palestino. “Os americanos, os israelenses e os europeus têm um peso muito importante, mas não são a conferência. Temos que levar em conta a maioria”. Cerca de 160 países estão representados em Durban e, na votação para a declaração final, todos terão o mesmo peso.

Desde terça-feira, um grupo de cinco representantes que reúne a Bélgica (país ao qual corresponde a presidência da UE), a Noruega, a África do Sul, a Namíbia e a Liga Árabe, agora representada pelo delegado palestino, discutem o texto sugerido pelos sul-africanos, que para a UE representa “uma base de negociação aceitável”.

Escravidão — Paralelamente, em Durban, correm as negociações relativas ao pedido de desculpas e às reparações pelos danos causados aos africanos durante o regime escravagista. “O último texto apresentado pelos africanos é menos flexível”, disse Marcos Pinta Gama, porta-voz da delegação brasileira em Durban, que busca, junto com o Quênia, um consenso sobre o tema.

Países africanos, liderados por Namíbia e Zimbábue, com o apoio de grupos afro-americanos, querem um pedido explícito de desculpas pela escravidão, o cancelamento de suas dívidas externas e o incremento na ajuda ao continente. Os europeus não aceitam menções ao termo reparação no documento final da conferência.